

A CRÍTICA MACHADIANA AOS ROMÂNTICOS

Alexandre de Melo Andrade (Professor Adjunto na UFS)

RESUMO

Machado de Assis, além de grande romancista e contista, conforme já atestado pelos leitores e críticos desde o aparecimento de sua obra, foi o precursor da crítica literária brasileira. O escritor sentia falta, já naquela época, de uma crítica que fosse capaz de demonstrar os percursos artísticos de uma civilização, pois entendia que um país onde não houvesse essa observação não poderia ser considerado um país de florescimento artístico-cultural. Remanescente da literatura romântica, Machado elaborou textos de enorme contribuição para a compreensão do Romantismo no Brasil. O objetivo deste artigo é investigar seu pensamento sobre a poesia romântica brasileira com base em textos que publicou em jornais da época no período entre 1865 e 1873.

Palavras-chave: Machado de Assis; crítica literária; poesia romântica brasileira.

ABSTRACT

Machado de Assis, besides being a great novelist and short story writer, as attested by readers and critics, was the forerunner of Brazilian literary criticism. The writer has already miss, even then, a critique that was able to demonstrate the artistic journey of a civilization, and he understood that a country where there is not this observation can not be considered a country of cultural and artistic flowering. Reminiscent of the romantic literature, Machado texts produced enormous contribution to the understanding of Romanticism in Brazil. The aim of this article is to investigate his thinking about Brazilian romantic poetry based on texts that he published in newspapers of the time in the period between 1865 and 1873.

Keywords: Machado de Assis; literary critic; Brazilian romantic poetry.

A obra de Machado de Assis tem um alcance que ainda escapa à totalidade dos estudos que sobre ela se debruçaram, a exemplo das crônicas, que sinalizam aspectos pouco explorados pelo discurso crítico, e das poesias, praticamente à margem dos romances, que ocupam o centro irradiador de sua literatura. Dentre as contribuições deixadas pelo escritor, estão vários textos de crítica literária que nos proporcionam um olhar crítico sobre aspectos importantes da produção literária do século XIX no Brasil e que ampliam até mesmo o debate em torno da própria obra machadiana.

Carente ainda de esforços teóricos, nossa literatura não apresentava projeções – conforme o próprio Machado observou – que sinalizassem rumos e caracteres que a singularizassem. A crítica brasileira, para ele, apresentava certa defasagem, pois perdia em análise e excedia-se em “louvação”, “ vaidade” e “fraseologia anti-reflexiva”. O atributo a ser desenvolvido para o exercício da crítica deveria ser a aquisição da “ciência” e da “consciência”; ela é útil e verdadeira quando,

[...] em vez de modelar as suas sentenças por um interesse, quer seja o interesse do ódio, quer da adulação ou da *sympathia*, procure reproduzir unicamente os juízos da sua consciencia. Ella deve ser sincera, sob pena de ser nulla. Não lhe é dado defender nem os seus interesses pessôaes nem os alheios, mas somente a sua convicção [...]. (ASSIS, 2003, p. 37).

Através dessa crítica viva, independente, consciente e moderada, prescrita no “Ideal do Crítico” (Diário do Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1865), Machado de Assis se propôs, não raras vezes, a falar de escritores seus contemporâneos e de outros que o antecederam, entre prosadores e poetas, dos quais destacamos José de Alencar, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e Junqueira Freire – expoentes da produção literária romântica brasileira. Expor o ponto de vista do crítico sobre todos eles é tarefa que demandaria tempo e longas discussões, por isso nos apropriaremos, como fator preponderante, da crítica aos poetas ultrarromânticos instituída pelo autor de *Dom Casmurro*.

Compreendida essencialmente entre Bernardo Guimarães, Fagundes Varela, Junqueira Freire e Álvares de Azevedo – tendo neste seu principal representante –, o ultrarromantismo brasileiro teve como marcas o rompimento com o tom elevado da poesia passadista, o gosto pelos aspectos sombrios e lúgubres da existência, a subjetividade exacerbada e abordagens temáticas que imitavam e filtravam aspectos do Romantismo europeu. O movimento contribuiu para o desenvolvimento da poesia intimista e da prosa de herança gótica e fantástica, conforme *Noite na taverna* – e mesmo *Macário*, apesar de teatro –, de Álvares de Azevedo, atesta. Quando Machado de Assis desenvolve profusamente seu exercício crítico, essa geração de escritores já havia composta o quinhão de obras que consagrariam o Romantismo enviesado pelo Mal-do-Século, e é notório o fascínio que tais escritores exerceram sobre o crítico.

Machado demonstra bastante interesse em relação à natureza exuberante e exótica aparente nas obras dos poetas dessa geração. No texto “Literatura Brasileira: Instinto de Nacionalidade” (publicada originalmente no *Novo Mundo*, em 24 de março de 1873), diz que “Não faltam á nossa actual poesia fogo nem estro” (2003, p. 53), referindo-se às formas vivas e à carga sentimental excessiva disseminada nos versos desses poetas. No mesmo parágrafo, acrescenta não insistir na cor local, do que derivaria uma observação forçosa e precipitada. Para ele, “Um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flôres ou aves do paiz, o que póde dar uma nacionalidade de vocabulario e nada mais” (2003, p. 55). A exploração da cor local, dessa forma, apareceria, neste grupo de poetas, de maneira mais sutil, imaginativa e natural, sem o esforço de incorrer em artifícios que mais empanam do que aclaram a beleza poética. Ainda que parte da crítica de fins do século XIX e mesmo da atual insista em explorar aspectos da paisagem nacional na nossa poesia ultrarromântica, é necessário repensar sobre a verdadeira intenção com que os poetas elaboraram versos de uma natureza tão cheia de vida e sensualismo. Vinculá-los a uma tradição nacionalista, tomando por julgamento aspectos panteísticos, pode propiciar um olhar pouco satisfatório e minimizador de uma poética que deseja, antes de qualquer coisa, revelar as profundezas de uma natureza mais interior do que exterior. Machado percebeu que esse sentimento íntimo de nacionalidade dos ultrarromânticos era relevante para uma geração que não proclamava ardores patrióticos em detrimento de universalidade. Maior preocupação com questões históricas ficou compreendida entre os autores do romantismo indianista (com destaque a Gonçalves Dias) e autores da poesia condoreira, que tem em Castro Alves seu grande representante.

Machado de Assis destaca a simplicidade como qualidade memorável a poetas como Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães e Fagundes Varela. Trata-se de uma simplicidade que revela o sublime, pois, na sua concepção, “o sublime é simples” (2003, p. 54). Não por acaso o escritor tenha, em suas primeiras obras poéticas – *Crisálidas* (1864) e *Falenas* (1870) – uma estreita relação com a temática e a linguagem dos ultrarromânticos. Importante dizer, aqui, que a obra poética machadiana – quase esquecida, como já dissemos – preserva traços comuns aos românticos, como a figura idealizada da mulher, a transcendência da natureza e os espaços naturais exóticos; porém, já é perceptível uma linguagem mais enxuta, sem excessos adjetivosos, com propensões parnasianas.

Em 1864, um ano antes da publicação de “O Ideal do Crítico”, Machado de Assis publicou um artigo intitulado “Álvares de Azevedo” (*Semana Literária*, 26 de junho de 1866), onde teceu comentários precisos e pertinentes referentes a este jovem escritor do nosso Romantismo, que morreu antes de completar 21 anos de idade e deixou-nos uma produção literária cercada de temas explorados por escritores que seguiram pela esfera do Mal-do-Século. Já na abertura do texto, o crítico faz alusão ao mal *byroniano* que contaminou uma fileira de poetas e, no caso do Brasil, mais especificamente o poeta da *Lira dos Vinte Anos*. Partindo dos efeitos que Lord Byron – destaque do Romantismo inglês – causou na sensibilidade destemperada de jovens escritores, Machado filia Álvares de Azevedo a uma poética carente de maturidade, embora reconhecendo nele um talento incomensurável. Chama sua atenção o humor presente no poeta romântico, principalmente constatado na Segunda Parte de sua principal obra poética; vale dizer que “A poética azevediana se deixa entrever pelo aspecto dual, referido também por um sem número de críticos, e revela mais uma vez, aos olhos de Machado, sua naturalidade, originalidade e eloquência” (ANDRADE, 2011, p. 55).

A referência aos desarranjos poéticos dos românticos que o tempo, de acordo com o autor de *Memórias Póstumas...*, sem dúvida corrigiria, estende-se à crítica que estabelece aos outros poetas. No texto “Inspirações do Claustro”, publicado em 30 de janeiro de 1866 na *Semana Literária*, em que se dedica a falar do talento poético de Junqueira Freira na obra de mesmo nome, diz que, “Tivesse ele [Junqueira Freire] o cuidado de aperfeiçoar os seus versos, e o livro ficaria completo pelo lado da forma” (1959, p. 93). Uma semana depois, no mesmo suplemento, publica outro texto em homenagem aos *Cantos e Fantasias*, de Fagundes Varela, e comenta:

Desde já lhe notamos aqui os versos alexandrinos, que realmente não são alexandrinos, pois que lhes falta a cesura dos hemistíquios; outros descuidos aparecem ainda no volume dos *Cantos e Fantasias*; vocábulos mal cabidos, às vezes, rimas imperfeitas, descuidos todos que não avultam muito no meio das belezas, mas que o nosso dever obriga-nos a indicar conscienciosamente. (1959, p. 99).

É recorrente, na crítica machadiana aos românticos, o apontamento de falhas formais e estruturais – conforme a referência a Junqueira Freire atesta –, que ele mesmo justifica por meio da constante alusão à maturidade que o tempo lhes traria. Dessa forma, a morte desses poetas na flor dos anos teria ceifado a possibilidade de ultrapassarem os excessos e de se tornarem maiores que os próprios ardores juvenis.

Antonio Candido, na esteira de Machado de Assis, registra a influência avassaladora que Byron exerceu sobre Álvares de Azevedo, as falhas de seu senso formal e o escritor de primeira grandeza que seria caso alcançasse maior tempo de vida. Ressaltemos que, ainda hoje, grande parte dos textos críticos sobre o poeta da *Lira* alude a esses excessos e arroubos *byronianos* citados, já naquela época, por Machado. O diálogo com a obra do inglês Lord Byron, do francês Alfred de Musset e do alemão Hoffmann fez de Álvares de Azevedo o romântico brasileiro que mais incorporou o que era “moda” no Romantismo europeu; o próprio autor repudia – conforme o prefácio de *Macário* evidencia – o paisagismo e o nacionalismo que já eram comuns em alguns escritores brasileiros da época.

A par dessas falhas, que de forma alguma passariam despercebidas pela crítica, Machado de Assis reforça, em todos os casos, o caráter de originalidade e genialidade desses poetas. O sincero entusiasmo que vibra nos versos deles, dentre os quais destaca também Casimiro de Abreu (só para citar os ultrarromânticos), aparece como fator determinante de um lirismo envolvente e, embora hiperbólico, cheio de ternura. A beleza, a simplicidade e a espontaneidade das obras desses poetas são os fatores tidos por Machado como os mais significativos dessa geração. Não nos é forçoso afirmar que, dentre eles, Álvares de Azevedo foi o que maior atração exerceu sobre o romancista.

Além da influência *byroniana*, o escritor realista ressalta outros escritores da tradição literária que visitaram a biblioteca subjetiva de Álvares de Azevedo, como Shakespeare e Alfred de Musset, o primeiro tornando-se referência mítica para o poeta, e o segundo contribuindo para a fantasia os excessos sentimentais que nele encontrariam porto seguro. Acrescentamos, ainda, as referências intertextuais que Azevedo faz, seja na própria obra ou nos prefácios, a Dante, Camões, Goethe, Lamartine, Victor Hugo e Bocage. Seria possível

estabelecer um cânone literário instituído por ele, que teve contato com o que havia de melhor na tradição e no seu tempo; é bem provável que pouco saía de casa e, na solidão de seu quarto, visitava esses escritores, extraindo deles a sensibilidade, o gosto pela poesia, o gênio romântico e a predisposição a uma vida dedicada à literatura. Não há dúvida de que o crítico de que tratamos aqui tenha se entusiasmado com a cultura literária do jovem poeta; aliás, o próprio Machado leu os escritores citados acima, que tanto fervilharam no gênio poético de Azevedo.

Machado de Assis apresentava, nos textos a que estamos fazendo referência, nítida convicção de que o contato com a tradição literária era imprescindível para os escritores; ou seja, a atividade criativa do escritor deve, em primeira instância, ser fundamentada pela leitura. A história literária, sob este ponto de vista machadiano, estende-se, pelo olhar de Leyla Perrone-Moisés, a uma “[...] releitura do passado e requalificação do passado à luz dos valores do presente” (1998, p. 25). Segundo o crítico, a leitura fremente dos clássicos realizada pelos poetas ultrarromânticos foi determinante para uma produção original e valorosa.

A partir da poética de Junqueira Freire, Machado se propõe a pensar a poesia romântica não apenas como um diálogo com a tradição e com a própria poesia do tempo, como foi no caso de Álvares de Azevedo, mas como resultado de uma forte inspiração da vida íntima, com os desafetos e desventuras que lhe são inerentes. A sua análise sobre as *Inspirações do Claustro* passa pelos meandros experimentados pelo poeta em sua vida monástica. Sob a sua ótica,

A poesia do *Claustros* é uma apologia da instituição monástica; estava [Junqueira Freire] então no pleno verdor das suas ilusões religiosas. O convento para ele é o refúgio único e santo às almas sequiosas de paz, revestidas de virtude. A voz do poeta é grave, a expressão sombria, o espírito ascético. Não hesita em clamar contra o século, a favor do mosteiro, contra os homens, a favor do frade. (1959, p. 87).

Como percebemos, a crítica machadiana aos ultrarromânticos não descarta as relações psicobiográficas, o que foi comum no discurso da crítica posterior. Porém, ressalte-se que esse viés crítico aparece em seu texto de forma equilibrada, não se comparando a determinado segmento que analisa tais obras sem dissociá-las dos aspectos biográficos e psicanalíticos. Machado de Assis preocupa-se com a personalidade destes poetas na medida em que se faz necessário e acrescente, de fato, teor significativo. Mesmo

quando sua visão percorre por esses caminhos, ele não ignora o valor artístico e a contribuição de tais poetas para a poesia lírica brasileira. Para exemplificar, retomemos os comentários que fez por ocasião da leitura das *Inspirações do Claustro*:

No prefácio que acompanha as *Inspirações do Claustro*, Junqueira Freira procura defender-se previamente de uma censura da crítica: a censura de inconseqüência, de contradição, de falta de unidade no livro [...] Teme, disse êle, que lhe chamem o livro uma coleção de orações e de blasfêmias. Caso raro! O poeta via objeto de censura exatamente naquilo que faz a beleza da obra; defendia-se de um contraste, que representa a consciência e a unidade do livro. (1959, p. 87).

A proposta de Machado de Assis para a leitura dos poetas românticos é, dessa forma, a de não desprezar os aspectos artísticos mesmo quando se percebe um vínculo entre a vida e a obra do autor. Junqueira Freire, no livro em questão, apresenta, de um lado, a poesia religiosa, de meditação e ascensão, e de outro, a descrença, a frustração e a blasfêmia; é evidente que tais abordagens temáticas fazem, também, referência à experiência monástica vivida pelo poeta, seguida de frustração e ceticismo. Porém, desse movimento de elevação da alma e posterior sofrimento resultam contradições inerentes e caras ao espírito romântico. Junqueira Freire incorporou, em seu programa poético, uma oscilação de pêndulos que mostram ora a atitude contemplativa e espiritual, ora a revolta e a melancolia. Não seriam esses pressupostos desdobramentos da ironia romântica que acentuam a divisão do mundo entre a ilusão e a desilusão, a crença e a descrença? O próprio Machado não se permite acusar a poesia quando esta exprime tédio, tristeza e desfalecimentos da alma; contrário disso, afirma que “[...] a vida é um complexo de alegrias e pesares, um contraste de esperança e de abatimento” (1959, p. 97) e que os poetas de que falamos, com alma delicada e franzina, com imaginação viva e ardente, revelam “[...] o duelo perpétuo da realidade e da aspiração” (2000, p. 26).

Machado de Assis faz referência à ironia romântica mais notadamente quando se refere a Álvares de Azevedo. E diz o seguinte: “Como poeta humorístico, Azevedo ocupa um lugar muito distinto. A viveza, a originalidade, o chiste, o *humour* dos versos deste gênero são notáveis” (2000, p. 26). A poética azevediana se deixa entrever pelo aspecto dual, conforme já dissemos, ora pintando um universo harmônico, transcendentalizado pelo universo em emanção de cores e perfumes (como na Primeira Parte de sua *Lira dos Vinte Anos*), ora expondo as mazelas do mundo material, com alusões ao dinheiro e ao esgoísmo (como na Segunda Parte da referida obra). No mesmo texto, o crítico comenta a

prosa de Azevedo, mas situando-a um nível abaixo dos versos. Sob seu olhar, na prosa ele era “[...] difuso e confuso; faltava-lhe precisão e concisão. Tinha os defeitos próprios das estréias, mesmo brilhantes como eram as dele. Procurava a abundância e caía no excesso” (2000, p. 26). *Noite na taverna*, o livro do escritor mais vezes reeditado, e *Macário*, mostram os elementos góticos e fantásticos retomados por ele e filiam-no a uma tradição francesa denominada por Antonio Candido como “estilo frenético” (CANDIDO, 1987, p. 17). Desse frenesi nascem os excessos todos que Machado atesta em sua análise. A concisão, aos seus olhos, era o fator que seria desenvolvido com a maturidade do poeta, e que lhe conferiria um reconhecimento dos maiores na literatura brasileira.

Mesmo quando analisa o romance *Iracema*, de José de Alencar (*Semana Literária*, Seção do Diário do Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1866), Machado de Assis aponta como defeito a falta de concisão na descrição de imagens. Depois de ressaltar o primitivismo, a ingenuidade dos sentimentos, o pitoresco da linguagem, os episódios originais e a figura bela e poética de Iracema, diz o seguinte:

O estilo do livro é como a linguagem daqueles povos: imagens e idéias, agrestes e pitorescas, respirando ainda as auras da montanha, cintilam nas cento e cinqüenta páginas da *Iracema*. Há, sem dúvida, superabundância de imagens, e o autor com uma rara consciência literária, é o primeiro a reconhecer êsse defeito. (ASSIS, 1959, p. 82).

A referência ao excesso, à eloquência e à superabundância direciona o olhar do crítico a uma literatura, seja em verso ou prosa, que se edifique sobre a concisão, a correção e o equilíbrio das imagens e da linguagem, o que foi intensamente explorado por ele nos seus romances, contos e crônicas, especialmente nas obras da fase considerada realista. O excesso de adjetivos, tanto na prosa quanto na poesia do Romantismo, provocava essa superabundância que é exposta por Machado de Assis. Em *Falenas* e *Crisálidas*, ainda que haja explícito vínculo com a poesia romântica, percebemos claramente como o escritor despe os poemas do teor adjetivoso cultivado pela poesia romântica e já demonstra preferência por uma linguagem mais concisa e nominal.

Machado de Assis encerra a carta escrita a J. Tomás da Porciúncula, em 20 de agosto de 1875, a despeito da obra de Fagundes Varela, fazendo alusão à escassez da poesia do seu tempo. Diz que “A poesia dorme, e é mister acordá-la; cumpre cingi-la das nossas flores rústicas e próprias, tal qual as colheram Gonçalves Dias, Azevedo e Varela, para falar só dos mortos” (1959, p. 153). É evidente o quanto leu e apreciou os poetas românticos

brasileiros, cercando-os de uma aura especialmente decorada com as glórias, as riquezas e a vivacidade de uma lírica genuína, espontânea e sincera. Faltam no seu tempo, aos seus olhos, poetas que atinjam a maturidade e a reflexão ainda não atingidas por aqueles românticos, que mal tiveram tempo de aperfeiçoar seus versos. Faz parte desse processo, como alude em vários dos seus textos, uma crítica capaz de identificar os elementos de reflexão e maturidade de que necessitam determinadas manifestações literárias; por tudo o que dissemos, não há dúvida de que ele magistralmente conseguiu dar início a essa tarefa, embora não tenha produzido crítica literária com a mesma constância com que escreveu seus romances e contos. Precursor da crítica literária brasileira, Machado foi o primeiro grande escritor a tratar criticamente dos autores românticos, apontando, de forma equilibrada, as falhas e os acertos dessa geração.

José Veríssimo denomina a crítica machadiana de “impressionista”. Segundo o crítico, Machado de Assis foi

[...] um impressionista que, além da cultura e do bom gosto literário tinha peregrinos dons de psicólogo e rara sensibilidade estética. Conhecimento do melhor das literaturas modernas, inteligência perspicaz desabusada de modas literárias e hostil a todo pedantismo e dogmatismo, comprazia-lhe principalmente na crítica a análise da obra literária segundo a impressão desta recebida. Nessa análise revelava-se-lhe a rara finura e o apurado gosto. (VERÍSSIMO, 1998, p. 449).

Indubitavelmente, muito do que Machado de Assis cobrou da literatura romântica – ainda que a tenha visto de forma entusiasmada – serviu-lhe para repensar o ofício do crítico e o aprimoramento da arte literária. Através de toda a sua produção, constatamos a maturidade, a reflexão e a concisão que considerava necessárias para as obras. Nesse sentido, a leitura da obra crítica machadiana é de suma importância para que se compreenda, além da visão que possuía da literatura romântica, a forma como se estabelece um discurso crítico equilibrado, consciente e imparcial. Suas publicações em torno dos poetas românticos promovem uma abertura para que perceba o círculo romântico em sua amplitude e em suas particularidades, a saber, o modo como se realiza o diálogo entre as obras e o projeto nacionalista, as matizes da linguagem aparente nas poesias e a singularidade dos poetas que tiveram destaque.

A leitura empreendida pelas obras dos ultrarromânticos possibilitou que Machado de Assis percorresse as trilhas da inspiração, da contemplação e do intimismo brasileiros;

com seu discurso crítico, mostrou, aos que viriam, a importância da crítica para o país e a consciência crítico-constitutiva que deve acompanhar o próprio trabalho do escritor.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Alexandre de Melo. Álvares de Azevedo. In: _____. **A transcendência pela natureza em Álvares de Azevedo**. 2011. Tese (Doutorado em Letras/Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, São Paulo. p. 50-81.

ASSIS, M. Ideal do crítico. In: _____. **Queda que as mulheres têm para os tolos e outros textos**. (Org. Oséis Silas Ferraz). Belo Horizonte: Crisálida, 2003. p. 36-39.

_____. **Crítica literária**. São Paulo: Ed. Brasiliense Ltda, 1959.

CANDIDO, A. A educação pela noite. In: _____. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987. p. 10-22.

PERRONE-MOISÉS, L. História literária e julgamento de valor. In: _____. **Altas literaturas**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. p. 19-60.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 1998.